

CHORAR

Agradecer

RESSIGNIFICAR

Amostragem

LUCIANE
MUSTAFÁ



CHORAR
Agradecer
RESSIGNIFICAR



MINOTAURO

Chorar, Agradecer, Ressignificar

Copyright © 2026 Minotauro.

Minotauro é um selo da Editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

Copyright © 2026 Luciane Mustafá

ISBN: 978-65-6143-124-8

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M986c

Mustafá, Luciane.

Chorar, agradecer, resignificar / Luciane Mustafá.

- 1ª Ed. - Rio de Janeiro: Minotauro, 2026.

172 p.; il.; 15,7 x 23 cm.

ISBN 978-65-6143-124-8

1. Romance brasileiro. 2. Luto. 3. Relações familiares.

4. Resignificação emocional. I. Título.

CDD 869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira: Romance 869.93

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: Rodrigo Mentz

Vendas Governamentais: Cristiane Mutûs

Produtora Editorial: Rita Motta



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:



abr
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
DIREITOS REPROGRÁFICOS

ASSOCIADO



SUMÁRIO



| | |
|----------------|-----------------|
| 1 — 1 | 17 — 79 |
| 2 — 7 | 18 — 87 |
| 3 — 11 | 19 — 93 |
| 4 — 17 | 20 — 97 |
| 5 — 21 | 21 — 103 |
| 6 — 25 | 22 — 111 |
| 7 — 31 | 23 — 115 |
| 8 — 33 | 24 — 123 |
| 9 — 39 | 25 — 131 |
| 10 — 41 | 26 — 133 |
| 11 — 45 | 27 — 137 |
| 12 — 51 | 28 — 143 |
| 13 — 53 | 29 — 145 |
| 14 — 59 | 30 — 149 |
| 15 — 61 | 31 — 157 |
| 16 — 73 | 32 — 159 |

Amostragem

1



*Seu mundo se desfaz, como pétalas ao vento
No jardim da vida, um vazio, um tormento*

A garoa, que ninguém previu, continua a cair. Acho que o povo tem medo de chuva, frio, vento, sei lá. A rua permanece deserta, e um frio cortante invade meu corpo. Meus pés estão enrijecidos, mas não paro. Talvez, um dia, perceba que não fujo de ninguém, apenas de mim. Como escapar? Carrego meu corpo, minhas dores, meus gritos e medos. Aos dez anos, desconheço isso, porque corro, corro e continuo a correr buscando salvação, que talvez nunca chegue. Um nevoeiro denso e solitário me envolve. Me aterroriza.

Papai deve estar atrás de mim, eu acho, mas não paro. Quero desaparecer, abandonar-me, entregar-me ao nevoeiro e partir. Em instantes, seria dissolvida na nuvem escura, junto com meus braços, minhas mãos, minha mente que não para...

Luiza, mamãe, está morrendo, disse o médico, sem nenhuma emoção ou empatia. Minha boca tremeu e, muda, encarei-o, para me certificar de que ele tinha mesmo falado aquilo, mas ele só lançou um olhar vago e repetiu que mamãe estava morrendo com a mesma monotonia quando alguém devolve um livro na biblioteca porque não gostou dele.

Acho que deveria haver uma lei bem severa, que punisse médicos indiferentes às dores que as doenças causam aos familiares dos seus pacientes. Chocada, fui arremessada ao campo dos afogados, tragada por um lodo traiçoeiro que consome a carne.

Assim, quando tudo é consumado, o caos toma conta. É hora de correr, pois ela se volta em nossa direção, olhar de monstro, pele enrugada, pegadas de monstro, e avança sedenta atrás de nós. Até mesmo a luz do farol, que poderia transmitir a sensação rasa de esperança, já que não consigo sentir nada, perde-se. Tento me segurar em algo, mas só há vácuo em um sufocante negrume.

É o fim do show.

Desta vez, não me permitiram entrar no hospital, mas deram dias para mamãe, que tem apendicite supurada e infecção generalizada. Vejo-me em um pesadelo permanente e ouço vozes de mamãe distantes, tão distantes que sinto medo de ela já não estar aqui.

Ainda ouço a voz dela me acordando de manhã para ir à escola. Parece que foi ontem, mas foi quase ontem, ainda nesta semana. Ela estava tão feliz, com um vestido estampado em flores azuis com fundo amarelo. Confesso que achei o vestido e a empolgação dela um exagero desnecessário. Agora, essas lembranças são como açoites que consomem minha carne. Entediada, mal olhei para mamãe, como se ela fosse estar ao meu lado para sempre, em vez de pular em seu pescoço, abraçá-la e lhe dizer mil vezes que a amo. Com sono, emiti um resmungo sonolento, virei-me para a parede e em silêncio, revirei os olhos e torci a boca, pois achei o vestido dela feio.

Por que deixamos os dias escorregarem de nossas mãos? Por que pensamos que nossos amores estarão conosco para sempre?

Bernardo, meu avô, diz que mamãe é um anjo. E não é porque ela é minha mãe, mas é incrível como Luiza consegue manter a voz sempre suave e doce. Mesmo quando descobriu a traição de papai, permaneceu serena. Deve ter chorado por dentro. Eu quis ajudar, consolá-la, mas não pude, pois ouvi a conversa, na verdade uma baita discussão, por trás da porta. Sei que é errado, mas não tive escolha. Faria qualquer coisa para descobrir a razão daquela gritaria repentina em casa, mesmo que precisasse bisbilhotar os adultos.

Será que podemos justificar nossos erros por motivações convincentes sem esbarrar na ética?

Após um tempo, mamãe saiu do quarto e se recompôs. Saí correndo para não ser pega xeretando os adultos, e bem escondida no meu canto eu a vi enxugar o rosto e ensaiar um sorriso engasgado.

Por quê?

Por que mamãe não expulsou papai de casa, chorou, não se desesperou como a mulher da esquina tinha feito dias atrás? Em vez disso, mamãe se recompôs diante do espelho da sala e ensaiou um sorriso falso. Para onde foi a dor de mamãe?

Para onde vão as dores das mães?

Acho que deveria ser proibido mães morrerem, pelo menos quando os filhos são pequenos e precisam de cuidados, atenção e, o principal, orientação.

Como viver sem mãe? Esta realidade me assombra infinitamente mais que os fantasmas do cemitério que temi a vida inteira. Minha vista fica embaçada de lágrimas, banhada por águas turvas, e sinto medo, medo de tudo: da escuridão e do vazio da rua, da ameaça de perder mamãe e de todas as incertezas e inseguranças que vêm no pacote de uma vida sem mãe.

O que será do Tuca, meu irmão de três anos, se mamãe morrer? Ontem, quando o vovô contou a ele sobre a gravidade do estado de saúde dela, ele perguntou com olhos vazios: Mas mamãe virá para o Natal?

E o pior é que assim que Tuca, ou Tiago para quase todos, fez essa pergunta tola, também me perguntei se mamãe estará conosco ali, daqui a cinco meses. Será ela o anjo no topo da árvore de Natal? Ganharemos um cachorrinho, ou melhor, uma cadelinha, que carregará a alma da mamãe? Quem controlará meu cabeleireiro, que adora tosar meu cabelo, mas corta apenas um centímetro porque Luiza fica de olho, acompanhando cada detalhe?

A garoa parece se contagiar com meu espírito e se intensifica até se transformar em uma chuva gelada, que me faz correr. Corro, e minhas lágrimas se fundem às gotas que caem de um céu escuro e distante, imparcial. Só então percebo que não há lua. Assustada, deve ter fugido.

Um carro vagaroso ilumina meus passos, tornando a rua praetada. Reduzo os passos e viro o rosto para a calçada, na esperança de que seja apenas um carro indiferente a passar por mim, mas o que ele faz me arrepia até a alma. Ele reduz a velocidade à medida que também reduzo a minha. Aceno a cabeça querendo olhar, mas o medo me enrijece e me força a olhar apenas para a frente. O tremor do meu corpo, causado pelo frio, intensifica e se junta ao tremor causado pelo pânico que me assombra. A rua deserta. Em que estava pensando ao sair pelas ruas, fugindo sozinha, sem destino? Quero chorar por minha insensatez ao permitir que minha revolta me cegasse.

O carro segue calmo, alheio à minha taquicardia e sudorese. Quando me preparo para correr, ele acelera, cruza à minha frente

e quase me pressiona contra a calçada, fechando o meu caminho. Minhas pernas enfraquecem, certeza de que vou desmaiar. Mil histórias de sequestros que vovô me conta vêm à mente. Abusos, maldades, vidas interrompidas. De repente, meu entorpecimento vai embora, e pensando nas histórias absurdas do vovô, tento desviar do carro para correr, então a porta do carro se abre, e é justamente ele que me chama, sai e me abraça.

Não foi hoje que escapei do mundo e deixei meu corpo, meus problemas, minhas dores. E ao apertar vovô e sentir seu cheiro caloroso, fecho os olhos e agradeço a Deus por tê-lo em minha vida.

Vovô me abraça forte, sem bronca nem sermão. Apenas me abraça, enquanto chora e agradece em sussurros por me encontrar. Acho que isso, por ora, ilumina meu deserto e me distancia um pouco da miserável de minutos atrás. Devo pedir desculpas a ele por minha atitude egoísta e pela preocupação que lhe causei, mas qualquer palavra poderia ameaçar a profundidade do momento, quando eu e vovô unimos nossos corpos e sentimos genuinamente a dor do outro, ao mesmo tempo em que somos a urgência do consolo que nossas almas buscam.

Aprendi que há experiências que dispensam palavras e nos envolvem em um silêncio que traduz a beleza e os mistérios inalcançáveis de todos os sons do mundo. Sempre achei que isso se referisse ao mundo dos adultos, mas é exatamente o que experimento neste momento com vovô.

Agarro-o para que ele não me solte, jamais. Quem sabe a vida levaria mamãe, porque tenho um anjo terreno, que não abre mão de mim, e sai pelas ruas sem rumo e só para ao me encontrar? Fecho os olhos e sinto meu desespero se afastar para o afeto se

aproximar. Abraço-o forte, segura e em seus braços, agora sim, desmorono.

Vovô me coloca no banco traseiro do carro e me leva para casa, mas, para minha surpresa, vamos para a casa dele, lugar que tem cheiro de chocolate quente e bolo de baunilha, um cantinho que exala aquele cheiro que cura mais que remédio, o cheiro de amor.

Só não sabíamos de uma coisa. Quando vovô saiu atrás de mim, mamãe virou estrelinha.

Amostra

2



No coração pequenino, a sombra da tristeza

Nos raios de esperança, busca-se a fortaleza

Papai não dormiu em casa, então ficamos na casa do vovô, que tentou disfarçar, mas eu o conheço muito bem para perceber as contrariedades apagarem seu sorriso. Vovó Sara está triste demais para encher a casa com chocolate quente e bolo de baunilha. Eu queria saber fazer bolo para consolar vovó, enquanto lhe diria as bonitas palavras que passei o dia ouvindo na despedida da mamãe, mesmo que fossem rasas e se perdessem ao vento.

“Conte comigo para qualquer coisa!”

“Estarei sempre aqui para apoiar você e seu irmão.”

“Estaremos sempre juntos!”

“Vamos enfrentar essa dor juntos.”

“Estou comprometida com vocês.”

“Quero garantir que fiquem bem, estarei sempre aqui com vocês.”

“ ... ”

Tia Helena, irmã caçula do vovô e, portanto, minha tia-avó a quem chamo de tia, falou que eu poderia contar com ela para

tudo, mas acho que começou mal, porque nem o bolo de baunilha e o chocolate quente da vovó sabe fazer. Terei que me acostumar com isto, especialmente com os fenômenos do mundo dos adultos, que às vezes prometem coisas ao léu, por hábito, gentileza, sei lá. Mamãe, não. Se promettesse, cumpria.

Cadê a multidão que ontem mesmo garantiu que me ajudaria sempre que eu precisasse, que eu poderia contar com ela para tudo?

Tia Bruna, mãe dos meus amigos e vizinhos, Bia e Miguel, falou, olhando nos meus olhos, que iria cuidar de mim. Achei exagero, mas posso afirmar que me alegrei tanto que considereei uns mimos extras. Juro que quase pedi a ela que estendesse os cuidados ao Tuca, mas achei uma afronta de minha parte. Só não quero que se esqueçam dele, talvez mais frágil que eu. Ele continua com o olhar perdido à espera de mamãe.

O dia mal começou e já acordei preocupada com minha condição de filha sem mãe, de como será minha rotina, enfim, de como eu e Tuca ficaremos. E, especialmente, se um dia minha dor, que de tão feroz não tem nome, irá se arrancar dos meus ossos, da minha mente, e me libertar. Às vezes, fico apavorada com medo de ela ter vindo com mala para ficar.

Fecho os olhos, e tudo o que vejo é um túnel escuro e longo, sem vestígios de saída. E, quando penso em tudo o que perdi com a morte da mamãe, uma força estranha me invade, devagar, e ao encontrar a liberdade que minha tristeza lhe dá, ela se agiganta a ponto de me sufocar. Anestesiada, não ofereço resistência diante de sua ferocidade, pois uma parte de mim deseja sinceramente que ela me tome para si, até eu flutuar e ir para longe, para um mundo onde eu me sinta completa novamente, onde eu possa rir de novo e viver sem o sofrimento pulsante da ausência da joia da minha vida.

Haverá chances de um dia eu só ser a menina de antes? Não me disseram se continuarei nas aulas de violino e natação, sei que hoje eu teria treino, mas pelo horário, presumo que não irei. Nem sei o básico: onde eu e Tuca dormiremos à noite. Vovô não diz nada. E o sumiço de papai e minhas mil dúvidas fazem meu coração disparar junto com umas palpitações estranhas. Já chorei tanto que minhas narinas se feriram, mas o rio tristonho segue o fluxo, naturalmente.

É cedo e, paralisada, contemplo minha caneca de chocolate quente sobre a mesa. Olho para minha blusa, o uniforme da escola sobre mim, como se meu mundo continuasse o mesmo.

A porta da cozinha se abre, e com um sorriso largo no rosto, quase deixo minha caneca de leite cair, e pronta a perdoar as últimas falhas de papai, ou melhor, todas!, corro para abraçá-lo. Eu sabia! Finalmente a ficha dele caiu e ele viu que não consegue viver sem nós. Afinal, não é o que pais amorosos fazem?, sorrio, triunfante. Os olhos brilhantes.

Mas... não. É D. Lurdes, que trabalha na casa dos meus avós, cuida da casa e ajuda a vovó. Atordoada, minha decepção só não foi maior porque me livrei da vergonha de gritar “papai, papai, você voltou!”, como em uma peça teatral bem dramática. Se foi difícil disfarçar minha decepção ao ver D. Lurdes, seria um desastre enfrentar a humilhação de que uma parte de mim, aquela que suspira e geme, aguarda papai nos buscar com todas as forças.

Não sei se por instinto de gente mais velha ou dó, ou até mesmo pela surpresa de minha inesperada alegria ao recebê-la, D. Lurdes me abraçou e fez algo bem verdadeiro. Ela se agachou e me olhou nos olhos, garantindo que tudo ficará bem, que a casa do vovô também é o nosso lar, e que podemos contar com ela para tudo.

Havia uma profundidade em seu olhar que resplandeceu, e eu a abracei, e de olhos fechados, juro que senti o cheiro de chocolate quente e bolo de baunilha me invadir, como uma força do além que nos inunda tentando nos sacudir para prosseguir.

Amostra

3



*A aurora, como promessa, ilumina o horizonte
Cada raio dourado, um elo além da fronte
A morte, não o fim, mas um novo começo
No crepúsculo, o sol sussurra: recomeço*

O sol nos acordou com seu esplendor. Deveria ser proibido o dia nascer tão lindo quando um anjo na terra se vai. Mas logo pensei...quanta bobagem e egoísmo! Se fosse assim, todos os dias seriam tomados por sombras longas e cada vez mais escuras, sem qualquer beleza no horizonte nebuloso, porque é certo que cada dia morre um anjo na vida de alguém.

Para mim, mamãe é meu anjo, para a amante de papai, vai saber.

Deixei de lado o movimento do sol para fazer vovô entender que não poderei ir à aula. Nunca mais poderei voltar àquela escola que um dia foi minha, hoje, não mais.

“Que absurdo, menina!”, diz ele, contrariado. Isso me assustou, porque vovô quase nunca é ríspido nem estúpido com ninguém. Depois, fiquei ainda mais triste ao constatar que isso é o que pais fazem.

Será que vovô deixaria de ser meu avô amoroso para se tornar um pai bravo e disciplinador? Eu estava perdendo papai? Perderia

vovô também? Fiquei sem chão. Perder mãe, avô e pai de uma vez só seria um golpe bem violento que eu me negaria a enfrentar. Resolvi fechar os olhos e desmaiar um pouco, só para me desligar momentaneamente de tanta confusão e aquietar o pensamento, que não descansava um minuto analisando mil possibilidades absurdas.

Fechei os olhos, relaxei os braços, depois, o pescoço, a cabeça, tentei desligar a mente, e quando finalmente relaxei as pernas, nada aconteceu. Não consegui desmaiar e percebi que só cairia e me machucaria inteira. Abri os olhos e vi vovô, que continuava a me encarar, a testa franzida. Estava claro que vovô não cederia ao que ele considerou os meus caprichos, suas próprias palavras.

Tentei lhe explicar com clareza a razão pela qual eu não podia voltar àquela escola, mas nem eu mesma sabia os porquês. Só o caos que gritava dentro de mim e me fazia repetir aos quatro cantos “não vou, não vou, não vou”, exatamente como a criança birrenta que não posso mais ser.

“Deixe de ser malcriada, Alice!”, ouvi vovô, em sua completa frustração. Não me chamou de Lilica, o apelido com o qual costumava me chamar.

Olhei para o chão, envergonhada por dar mais esse trabalho ao vovô, e enxuguei lágrimas que sujaram meu rosto lavado com a lavanda da vovó. Antes do choro, eu estava até bonitinha, com o cabelo arrumado com maria-chiquinha por D. Lurdes, mas agora eu parecia uma menina má e teimosa, com um tufo desgrenhado no alto da cabeça, tentando descobrir por que tambores retumbavam dentro de mim e anunciavam que eu não poderia, jamais, voltar ao lugar onde sempre estive.

Tentei respirar e busquei palavras que traduzissem a tempestade que rugia dentro de mim, como um punhal invisível que rasgava minha alma. Mas desisti. Expressar minha angústia era como tentar conter o vento nas mãos, a ventania que nos trai e se transforma em um furacão desordenado que consome, faminto, tudo ao seu alcance. Minha dor escapava de qualquer tentativa de compreensão, pois transcendia as fronteiras da linguagem.

Olhei para vovô, sem palavras. Só queria protestar minha indignação por um anjo mau ter invadido o sistema da minha vida, bagunçado tudo, roubado o que antes eu conhecia como vida e, finalmente, mudado a senha. Uma vida roubada, era isso que eu tentava, a todo custo, protestar. Mas, aos dez anos, não consegui.

Com o estômago revirado e sudorese, não me imagino chegar àquele lugar cheio de crianças felizes e sorridentes, com professoras anestesiadas de amor, e encarar minhas amigas, que continuam com suas vidas rasas ou profundas, falsas ou verdadeiras, não importa o estado, desde que possuam mães. Tudo isso é demais para mim.

Será inveja? Humilhação? Raiva? A maior derrota da minha família? Com certeza, tudo misturado em um caldeirão da bruxa má. Inveja, porque eu definitivamente quero minha vida de volta, como os meus amigos fúteis e extraordinários continuam com as deles. Humilhação e raiva também, porque, no fundo, a gente se sente um tanto humilhado quando perde. Perdas evocam a fracasso e falências, e é certo que queremos sempre ganhar.

Tentei explicar ao vovô que chegar à escola onde sempre fui com mamãe, dessa vez e para sempre sem mamãe, sem o beijo da mamãe, com a certeza de que ela jamais estará lá no fim do dia para me buscar, é uma situação a qual não tenho a mínima estrutura emocional nem física para suportar.

Não passei por nenhum treinamento do tipo “como agir se eu perder mamãe”, “como viver sem mamãe”, “como ir à escola sem mamãe” e, em especial e realmente preocupante, “como QUERER viver sem mamãe”.

Com lágrimas teimosas, encaro vovô.

“Desculpe-me!”, corro e, mesmo me sentindo péssima, a pior neta do mundo, tranco-me em meu quarto, ou melhor, na sala de vovô que se transformou, momentaneamente, em um quarto para mim e Tuca.

Jogo-me na cama como naquelas cenas dramáticas de filme e imagino um anjo que arranque essa dor do meu peito e me liberte, mas a voz de vovô me traz de volta à realidade.

“Lilica, respire um pouco, vou tomar meu café, e quando terminar, voltarei para a gente conversar”, vovô dá um longo suspiro, nitidamente procurando uma calma que parece ter fugido de si.

Viro-me e olho para o teto nu, quando tudo parece ter fugido, mamãe, papai, vovó... vovô também fugiria?

Olho para a mesa de canto e vejo o livro que tia Carol, a terapeuta para onde me levaram assim que perdi mamãe, me deu. Desorientada, não dei uma palavra durante a sessão, então, ao final, acho que para fazer eu voltar lá nem que seja para lhe devolver o livro, ela o estendeu até mim.

“Leve-o com você, é um livro simples, mas transformador. Qualquer página em que abri-lo, haverá uma mensagem importante”, disse, tentando ser gentil.

Rebelde, pensei em não pegá-lo, mas, por pura educação, estendi minha mão e mesmo contrariada, o trouxe comigo.

Só agora vejo que a capa é linda, e eu nem tinha reparado, é fosca em um tom de azul que amo, escrita em alto relevo dourado. À direita, no topo da capa, há uns raios dourados e algumas pétalas que caem e se espalham por toda a base da capa. Pego o livro, sinto a textura da capa e o acho lindo, bem diferente de quando o recebi da tia Carol. A capa. Certeza de que isso despertou interesse em mim. Enxugo minhas lágrimas e o abro na página quarenta e sete.

“Há momentos que não cabem discursos de superação e coragem, porque há dias em que não queremos ser fortes nem valentes. Acordar já é um triunfo, mas não suficiente, pois é preciso ir além. Uma parte entorpecida de nós, mesmo que respire, precisa inicialmente aceitar a queda. Despreparados, somos envolvidos por um furacão avassalador que nos projeta em uma jornada que é só nossa, conduzindo-nos ao âmago de nossa própria essência, onde poucos ousam se aventurar. Assombrados e sacudidos por todos os lados, transformamo-nos em uma massa desfigurada, que sangra e grita, inconsolável. Distantes de tudo e todos, libertos de conceitos e costumes, olhamos para aquela coisa feia chamada dor e fugimos. Corremos sem olhar para trás, tropeçamos, caímos e continuamos a correr. Sem rumo. Então, por mais que o desejo de escapar arda em nós, como uma falácia de sobrevivência, descobrimos que não há rota provável que nos liberte da dor que nos paralisa, e o sol perde sua luz, a lua torna-se apenas uma bola branca e sem graça, os cantos dos pássaros transformam-se em ruídos, sons irritantemente indesejados. Apáticos, mas tomados inconscientemente de uma força soberana e bela, que pulsa dentro de nós, prosseguimos. Não queira entender, só feche os olhos, abra os braços e deixe essa força suprema tocar seu coração. Prossiga, um dia após o outro, persevere. Há um fôlego de vida pulsando em cada um de nós, é o

milagre da vida, que impera e reitera o tempo todo, especialmente nas adversidades, que a VIDA vale a pena ser vivida. Sigamos sem pretensão, um passo por dia, preservando a chama do nosso propósito: manter ACESA a alegria de viver.”

Não entendi muito a leitura, mas de tudo o que li, estas, exatamente estas palavras fazem meu coração tremer: “manter acesa a alegria de viver”. Suspiro e abraço o livro contra o peito, fecho os olhos e o aperto com força, para que essas palavras eletrizem meu peito para me impulsionar adiante, a dar um passo por dia. Repito em soluços: “manter acesa a alegria de viver”.

“Lilica, filha, vamos!”, vovô bate à porta.

Enquanto seguro o livro junto ao peito, vovô me coloca no carro. Eu, um zumbi, observo cenas desconexas e embaçadas, sinto o peso da minha mochila e percebo meus pés arrastando-se em sincronia com os dele. Meu estômago revira, e sinto em minha boca o gosto amargo de bile.

4



*Entre livros e quadros, busca-se alento
Mas na alma, um vazio, um lamento*

Paramos em frente à escola. Com dificuldade, saí trêmula do carro do vovô e ao chegar em frente ao portão, fiquei paralisada. Olhos arregalados, taquicardia, sudorese. Achei mesmo que fosse desmaiar ali, sem nem precisar me esforçar dessa vez. Então, vovô pegou minha mão e me conduziu ao pátio da escola. Isso me acalmou, pois pensei, por um instante, que ele passaria o dia ali, como as mães fazem nos primeiros dias de escola, quando os filhos são pequenos e precisam da companhia delas, assim como mamãe fez comigo, quando eu era bem pequena. Mas certeza de que vovô não sabia que filhos inseguros precisam de seus amores no pátio da escola para os confortar, porque ele se abaixou, como de costume, e me olhou nos olhos.

“Lilica, no fim do dia eu estarei ali”, disse, apontando para o portão, “à sua espera, querida, tenha um ótimo dia”, finalizou com um beijo demorado em meu rosto. Senti seu cheiro gostoso de perfume amadeirado, a colônia pós-barba e em um milésimo de segundo, fui transportada à nossa mesa antiga de café fumegante, o chocolate e o bolo de vovó sobre a mesa, as risadas de mamãe. “Filha, vai ficar tudo bem, amor”, ouvi a voz de vovô e senti seus dedos enxugarem minhas lágrimas. Vi em seus olhos que ele